



Este n.º foi tirado pela Comissão de Censura do Plano do Castelo.

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho
 Director, adm. e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brasil: A. Ciras.—Editor—Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Esposzende

Assinatura: Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Com estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Esposzende.
 Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc.—Anuncios particulares: linha 70 c.—Comun. ou reclames, linha 350 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

ÁGUA

Estamos com o verão á porta. E com elle é de esperar a estiagem e a conseqüente carestia de água para consumo da vila.

Dentro de pouco tempo começará a faltar esse artigo de primeira necessidade e o público a ver-se na triste contingencia de se utilizar da água dos poços, mendigada, aqui e ali, por diferentes casais.

A fonte municipal—a antiga e anacrónica fonte pública já nolla fornece por uma só bica, como que a prevenir-nos, a avisarnos de que em breve a teremos por «conta-gotas», a pingolejar...

Esposzende vem reclamando há bastantes anos que se lhe forneça boa e abundante água potavel, pela rasão, que ninguém, absolutamente ninguém pode contestar, de que a que possui não chega para as suas necessidades e é de má qualidade.

Analizada e considerada imprópria para a alimentação, ella já foi há muito condenada.

A poucas centenas de metros existe ahi o manancial do Bouro, farto e de magnifica qualidade, onde algumas obras se iniciaram, e que não proseguiram por dificuldades financeiras do Municipio.

Vencida a primeira etape—a da captação e exploração, pode ainda a Câmara alegar que tem na sua frente um difficil, transcendente problema a resolver, que lhe provém da insuficiencia de receita para suportar as obras. Mas esse problema não se nos afigura de invencivel dificuldade e solução, tendo a Câmara, como tem, a possibilidade de obter um subsidio do Governo ou a facilidade

de de contrair um emprestimo para tão util melhoramento.

O abastecimento de água do Bouro impõe-se como um assunto importante e melindroso.

Porque é dos tais para o qual todo e qualquer dispêndio nunca é demasiado.

Os seus beneficios são preciosos, inavaliaveis sob todos os pontos de vista que encaremos o seu proveito.

Enfrente a nossa Câmara a velha e relha questão com decidido animo. por muito que sacrifique o erario municipal.

Iniciadas as obras, começadas como estão, é lícito e justo que ellas prossigam e que se lhes dê finalidade.

CONTOS E LENDAS DO MINHO DO CASTELO AO PRESBITERIO

Fins do seculo XIV.

Ao fundo do amplo terreiro, que se estendia ante a Igreja Paroquial de Santa Ovaya de Rio Covo, ensombrado por grossissimos castanheiros, que tornavam aquele sitio tão ameno; onde tão piedosos romeiros vinham orar á milagrosa imagem de Nossa Senhora das Aguas Santas e tomar banho nos toscos tanques que naquele logar existiam, negrejava uma velha construção que servia de residencia aos seus abades.

Ainda nessa construção, grande e espaçosa, fóra em tempos idos habitação dos comendadores e freires da mui poderosa Ordem dos Tempreiros ou Templarios.

Extinta a ordem, passou Santa Ovaya a comenda de Cristo e parte desse velho casario foi adquado a residencia Paroquial.

Por uma manhã de verão, junto á escada que dava acesso á sala principal, quedava uma nedia mula, ajazada para longa viagem.

Pela qualidade da montada poder-se-hia avaliar a da pessoa

que era aguardada.

Assentado no poial, junto ao muro, estava um velho labrego de figura magra e angulosa e de aspeto rude; era o sargento de sua mercê, o mui poderoso e respeitado abade de Santa Ovaya de Rio Covo; pronto a acompanhar seu amo e senhor na projetada viagem, que devia ser iniciada ao nascer do sol, finda a missa.

Da sonolencia em que estava emergido foi despertado de repente pelo ruido dos ferrugentos ferrolhos de uma porta que se abria no pateo sobranceiro.

Descerrando os olhos, que a custo podia abrir por causa dos raios do sol, que acabava de despontar, para os lados de Sequiade, nas alturas do Monte de Airó, viu aparecer no patamar a figura nobre e ainda viril de seu amo.

E pela mente rude daquele aldeão perpassou então uma cena que presenciara no Castelo de Faria, onde fóra um dos seus homens de armas.

Via o Castelo cercado pelos castelhanos, um grupo de soldados inimigos enfurecidos contra um velho que matavam ás machadadas e lançadas, junto dos muros; via seu amo, agora ali presente, no alto de uma das torres a bracejar e a arrepelar-se, chegando até elle lá do alto os gritos inarticulados do desespero impotente e ouvia cá em baixo a voz serena e ainda forte do bom velho que até morrer não cessou de recomendar ao filho amor e lealdade ao seu rei e á patria.

Rapida foi, como um sonho, a reconstituição daquela cena, pois seu amo, descendo a escada, com voz trovejante e impetiosa o apelidava.

Gonçalo Nunes de Faria, valeroso defensor do Castelo de Faria, Senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de el-rei D. João I, Abade de Santa Ovaya em Rio Covo, etc., estava prestes a montar para ir visitar sua ir-

mã Tereja Afonso, casada na Povia de Varzim com Estevão Lourenço Gayo e na volta passaria na vila de Faria pela casa que herdara de seus paes e cedera a seu irmão, o esforçado cavaleiro de Aljubarrota, Alvaro de Faria, com quem de passagem conversaria algumas horas.

Apoz a defeza heroica daquele castelo, Gonçalo Nunes renunciou aos bens herdados de seu pae e ordenou-se de clérigo; recolhendo para galardão dos seus feitos a abadia de Santa Ovaya de Rio-Covo.

No poderoso abade, descendo as escadas da sua residencia, notara-se ainda o porte altivo do antigo cavaleiro; e o sol oriental, batendo em chapa no seu corpo alto e desempenado, projetava na relva do Adro a sua sombra enorme, gigantesca...

Assim o seu vulto homerico, lendario seria estampado no écran da historia.

T. F.

Coisas da China

Nanking é uma cidade cerimoniosamente silenciosa. As diversões e a frivolidade repugnam ao espirito dos chineses, e, por isso, os habitantes de Nanking deitam-se...com as galinhas. Depois do jantar em conjunto, cada um vai para a sua casa, enveredando por ruas escuras e solitárias. A vida da noite não existe. Citam-se, como uma frivolidade exagerada, alguns estabelecimentos de chá, abertos até ás dez horas da noite, onde lindas e minusculas chinas recitam passagens de dramas. O único recreio mundano compreende os teatros de variedades e cinco cinemas, que começaram, ha pouco ainda, a projectar fitas de Douglas Fairbanks. Os cabarets são prohibidos. E assim todos são morais—porque os pais da cidade e os pais da patria o querem...

Joel de Magalhães MEDICO

CONSULTAS

em Espozende das 9 ás 12, e em Fão das 14 ás. 15 e meia horas.

ECOS DA CONSAGRAÇÃO

ANTÓNIO CORREIA D'OLIVEIRA

O NOSSO NÚMERO ESPECIAL

António Correa de Oliveira

Meu caro Poeta:

Deixei, propositadamente, passar o tumulto das multidões que o aclamaram como o nosso primeiro vate da raça, e, agora que você voltou de novo á tranquillidade do seu retiro de Belinho, —ambiente tão propício para as suas locubrações poeticas— a descansar da massada que o fizeram sofrer, eu, que sempre fui contrário aos grandes ruidos, temi as febres dos entusiasmos e é latente em mim a admiração, serena e inalteravel, pelo seu talento, —só agora, apaziguados os animos e passada a onda, o venho felicitar. ou melhor, dar os parabens ao Paiz por o possuir a você.

No intercambio espiritual e comunicação de pensamentos que, raras vezes, estabelecemos por escrito, desta vez evoco os tempos idos da sua e minha mocidade, quando, em Vizeu, você, franzino e modesto como ainda é hoje, ensaiava, a medo, os primeiros vãos do seu destino de águia, publicando nos jornais da terra os seus já tão harmoniosos versos. Talvez se recorde também duns pequenos traços da sua biografia que eu escrevi no «Comércio», —com o seu nome por titulo, nos quais eu já, profeticamente, lhe entrevia um futuro que o esperava...

Você deve lembrar-se de tudo isto, e de quando, timidamente, me escrevia, a pedir a publicação das suas poesias. *Timidamente*, note bem, quando você, na inconsciencia de gigante que era, ou havia de ser, pretendia chegar-se ao pigmeu de que não passei nunca...

Envaidecem-me hoje esses episodios, que tão distantes ficam e tão inverosímeis parecem e, principalmente, ter você nascido quasi na mesma terra em que eu também vi a luz do mundo, embalados ambos ao sol dessa região incomparavel que se chama Beira Alta e que se tem, com muito orgulho, como o coração da nossa querida Patria. Você é, se não me engano, de S. Pedro do Sul, —a encantadora Cintra da nossa Beira. Foi aí, decerto, onde você sorveu, a longos haustos, a vocação genial para o bucolismo que o distingue, a adoração pela Natureza que o assinala, a inspiração tão delicada que o notabilisa.

Depois, pouco nos temos encontrado. Os destinos cumpriram-se e foram muito diferentes.

Você seguiu o que lhe estava imposto: da gloria, —essa luz que tão raras vezes consegue brilhar na vida dos homens; —eu acompanhei-o no extasis da minha admiração não saindo jámais d'uma vulgar obscuridade...

Perdê você estas divagações de velho. Mas recordar o passado é dar vida ao presente e eu gosto, gostei sempre, de apreciar, com tristeza, o perfume, quasi evolado, das flores murchas, porque d'elas me vem ainda a essencia acariciadora da saúde. Os seus livros, meu caro amigo, fazem-me também esse dulcissimo efeito. Lendo-os, não me cançando de os ler, encho-me da nostalgia da minha terra e faço um regresso aos dias melhores da minha vida. O seu ultimo poema, *Teresinha*, que você santificou, duplamente, com a sua inspiração de poeta e o seu misticismo de crente, está ali, a ouvir-me, na minha estante, muito admirado já, de ha três dias o não folhear, mais uma vez, com a minha admiração de fanático. E é sempre com vaidade que começo a sua leitura pela dedicatória com que me honrou: ... *com o mais rijo abraço beirão em doces terras do Minho...*

Esse abraço, meu caro Poeta, retribuo-lho hoje, —com a minha admiração de amigo, o meu orgulho de patricio e a minha franquesa de beirão.

Braz Fagundes.

Correia de Oliveira

A academia conimbricense prestou ultimamente homenagem ao poeta Antonio Correia de Oliveira, que tem produzido amovaveis versos patricios.

O nosso presádo colega *O Espozendense*, também o homenageou com um numero especial impresso em bom papel e distintamente colaborado.

(De *O Nauta*)

Louvavel iniciativa

O digno delegado do Procurador da Republica na comarca da Feira tomou a louvavel iniciativa de instalar, na cadeia daquela vila, uma escola, uma biblioteca e uma oficina de trabalho. Para esse fim distribuiu uma circular pelos habitantes do concelho, que já subscreveram uma apreciavel quantia.

CASA Aluga-se uma, com mobília, durante a epoca de banhos, situada na melhor rua da vila.

Presta informações esta redacção.

Maquieira Guerra
ESPOZENDE

INVERNO

Cai a neve lentamente
E por toda a natureza
Passa um frémito plangente,
Mil acordes de tristeza...

Parece que toda a gente
Olha, chorando, a deveza
Parece que a vida presa,
Tristemente, tristemente!

E eu penso: —quanta miséria
Sobre a abóbada sidéria,
Turva, negra, estarecida!...

Parece que estou chegando,
Em vendo a neve alvejando,
Ao inverno da minha vida!...

Porto-1929.

Vinha dos Santos

Cuidado com as velocidades

Num conselho de médicos, realizado em Londres, discutiu-se a vertigem das velocidades, chegando-se á conclusão de que não terá longa vida quem as praticar. O facto é devido ao esforço fisico e mental a que são obrigados os que tem a mania de andar mais que depressa.

ANA ROCHA

MÉDICA
CONSULTAS DAS 10 AS 12
(Excepto aos domingos)
ESPOZENDE

«O Imparcial»

Reapareceu este nosso presádo colega, de Alcácer do Sal, que ha tempo suspendera a sua publicação.

Saudamol-o pela sua reparação, e registamos os nossos votos de uma existencia longa e próspera.

Bens cultuais

Foi exonerado de membr da Comissão administrativa dos bens cultuais deste concelho o sr. Manuel Dias.

Para o substituir foi nomeado o sr. Avelino R. Pereira.

DESASTRE E MORTE

Uma creança de 2 anos, filho do estimado industrial de Fão, sr. Albino Torres, que se abeirou de uma lareira, na ausencia da familia, caiu de bruços dentro de um tacho de água a ferver com assucar, ficando horriavelmente queimado.

A desventurada creança faleceu horas depois de tão lamentavel desastre.

Festas de S. João

Embora modestas e sem o bulicio e animação de outros tempos, tiveram algum brilho, e maior o teriam se uma chuva miudinha e impertinente não impedisse a saída da procissão e algumas diversões.

No arraial sessões de musica, iluminação, fogueira, fogo da ar

e polkas e valsas — a tres tempos...

Com tão poucos recursos financeiros, fez muito, fez bastante a Comissão.

Que para o ano sejam mais felizes, —os festeiros.

ALBERTO FARIA

Tem experimentado algumas melhoras este nosso bem-quisto conterraneo e querido amigo.

Muito nos congratulamos em registar tão grata noticia, e oxalá elas vão progredindo dia a dia, de modo que o vejamos completamente restabelecido.

E' o que de todo o coração ambicionamos, e comnosco todos os demais espozendenses.

AGRADECIMENTO

Albino Torres e familia, agradecem, penhorados, a todas as pessoas que lhes significaram o seu pezar pela morte do seu inditoso filhinho, falecido em 20 do corrente. Agradecem também a todas as almas caridosas que acompanharam, até á sua ultima morada, os restos mortaes do seu sempre lembrado filho.

Fão, 27 de Junho de 1930.

EDITAL

Pagamento de contribuições

Avelino Afonso Roriz Pereira, Tesoureiro da Fazenda Publica do Concelho de Espozende:

Faz público que desde 1 de Julho, por espaço de 30 dias, se acha aberto o cofre da Tesouraria da Fazenda Publica, para o pagamento voluntario das contribuições Predial e Imposto sobre applicação de Capitais do ano de 1929-1930, Industrial — grupos A, B, e C., Imposto profissional de 1930-1931.

A Contribuição Predial pode ser paga em duas prestações, não podendo ser inferior á 50000 cada prestação, ficando sujeita ao juro da mora a 1.ª prestação se não for paga no devido prazo.

A Contribuição Industrial e Imposto profissional podem também ser pagos em duas prestações, não podendo ser inferior a 100000 cada prestação, mas a falta de pagamento da 1.ª prestação no prazo estabelecido importa a cobrança com relaxe de todas as prestações em divida.

Os outros impostos são pagos numa só prestação, ficando sujeitos ao relaxe os contribuintes que os não satisfizerem no referido prazo.

Para constar mandei passar este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Espozende, 21 de Junho de 1930.

O Tesoureiro,
Avelino Afonso Roriz Pereira